



## O BANDEIRÃO FAZ CINEMA: O COTIDIANO DO CINEMA ENQUANTO DISCIPLINA ESCOLAR NA E.M. CONJUNTO PRAIA DA BANDEIRA

Arony Martins da Costa<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo relata a experiência vivida pela Escola Municipal Conjunto Praia da Bandeira localizada no bairro da Ilha do Governador, Rio de Janeiro, diante da criação e desenvolvimento de uma disciplina escolar eletiva que permitisse aos estudantes viver cotidianamente o Cinema e sua história, bem como as múltiplas possibilidades técnicas e estéticas que essa arte dispõe, seus gêneros cinematográficos, sua gramática cinematográfica e, principalmente, sua relação com cada peça fundamental para a construção de um filme, além de toda a prática inerente ao processo de criação cinematográfica, principalmente no que se refere ao roteiro de cinema. Uma disciplina que permitisse o desenvolvimento do cinema enquanto linguagem, tendo como premissa fundamental o fato do cinema ser feito por seres humanos e, por essa razão, são carregados de intenções. Além de produzir algo fomentasse um comprometimento dos estudantes junto a nova disciplina. e, principalmente, que ela também contribuísse para uma melhor relação do aluno com a escola, principalmente considerando o contexto pandêmico recentemente vivido. Experiências, que embora incipientes, e ainda em curso, nos ofereceu respostas significativas, e que se não consolidaram o Cinema como disciplina construíram uma identidade ao permitir o espaço escolar em set de filmagem e ofereceram aos estudantes a possibilidade de vivenciar algo que era há até bem pouco tempo era realidade muito distante das suas.

**Palavras-chave:** Cinema. Educação. Linguagem Cinematográfica.

Embora o Cinema, enquanto componente curricular, não componha o quadro de disciplinas oferecidas pelas escolas da rede municipal de educação da cidade do Rio de Janeiro, ele esteve presente no dia a dia dos alunos da Escola Municipal Conjunto Praia da Bandeira, carinhosamente conhecido como Bandeirão, localizado no bairro da Ilha do Governador, como uma disciplina eletiva. Se valendo da autonomia para criar eletivas que compõem o quadro de horários das turmas do Ensino Fundamental II, a direção, na figura do Professor Eduardo Santos e do professor de geografia, Arony Martins da Costa, com experiência no campo cinematográfico como roteirista e realizador, escolheram o Cinema como campo temático para que essa nova disciplina escolar fosse oferecida, tendo como objetivo o reconhecimento e desenvolvimento da linguagem cinematográfica com alunos do 6º ao 9º ano. Entretanto, ao partir literalmente do zero, o trabalho acabou por se calcado também no desenvolvimento de uma metodologia que permitisse o desenvolvimento do

---

<sup>1</sup> Especialista em Ensino de Geografia, Professor da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. E-mail: aronymartins@gmail.com



cinema enquanto linguagem, tendo como premissa fundamental o fato do cinema ser feito por seres humanos e, com isso, são carregados de intenções. A proposta foi produzir algo que construísse junto ao aluno um comprometimento com a nova disciplina e, principalmente, que a mesma também contribuísse para uma melhor relação do aluno com a escola – principalmente considerando a interrupção e distanciamento que os dois anos de pandemia que o coronavírus nos forçou a viver.

Sendo assim foram propostas aulas que levassem ao cotidiano dos alunos uma disciplina que apresentasse um pouco da história do cinema mundial e brasileiro, bem como as múltiplas possibilidades estéticas que o cinema dispõe, os gêneros cinematográficos, a gramática cinematográfica e sua relação com cada peça fundamental para a construção de um filme, além de toda a prática inerente ao processo de criação cinematográfica, principalmente no que se refere ao roteiro de cinema.

Inicialmente, foi fundamental mostrar aos estudantes que o roteiro de cinema é, antes de tudo, uma peça audiovisual. Foi necessário pontuar que embora seja um texto que traz consigo uma história a ser contada, o roteiro de cinema é por princípio um guia para que possamos contar uma história através da luz e do som, através de imagens em movimento. Nesse sentido, todo o trato teórico sobre roteiro cinematográfico nos serviu de espinha dorsal para falarmos sempre do cinema enquanto uma totalidade. Identificamos que ato de assistir filmes, para os estudantes, é algo declaradamente habitual. Ao serem perguntados sobre sua relação com filmes, se assistiam com frequência e como relacionavam as respostas demonstraram uma relação de muito pertencimento, embora a esmagadora maioria tenha relatado que pouco vão a salas de cinema, principalmente por questões econômicas. Aqui se instalou uma contradição. Adolescentes estavam prestes a mergulhar num universo que antes de qualquer coisa impôs limites, nada justos, a uma experiência mais do que necessária. Porém, ficou evidente que se a experiência do fazer cinema não pudesse preencher a ausência da (mais uma vez, necessária!) sala de projeção, ela certamente permitiria que a experiência doméstica do ato de assistir filmes fizesse, pelo menos, mais sentido. E essa foi uma das premissas da disciplina, oferecer aos estudantes a oportunidade de que a experiência com o cinema fosse transformada.

Após uma rápida viagem a qual demos o nome de “pré-história do cinema”, em aulas em que pudemos transitar através da história e entender a importância de inventores como Leonardo Da Vinci e sua câmara escura, Joseph Niépce e a primeira fotografia, Peter Mark Roget e a invenção do Traumatópio, dentre outros que evoluíram essas



importantes invenções, chegamos a George Mèliés e com ele demos início a um importante debate: o cinema enquanto narrativa. A exibição do filme Viagem à Lua (1902), foi muito importante para demonstrar aos alunos como naquele momento tão incipiente do cinema uma história foi contada e, sobretudo, com uma capacidade ímpar de compreensão, apesar das limitações técnicas se comparadas aos filmes atuais. Assistindo ao clássico de Mèliés, os estudantes tiveram contato com uma narrativa simples e linear, mas que foi fundamental para se compreender o que viria a seguir, quando foi exibido O Grande Roubo do Trem, de Edwin S. Porter (1903), obra de enorme importância para a história do cinema, já que trouxe algo muito inovador para a época. A montagem paralela (também conhecida como montagem dialética) usada por Porter permitiu uma maior complexidade narrativa ao filme. A história, embora também contada de forma linear, trouxe aos estudantes a percepção de que mais eventos além dos que eram exibidos estavam acontecendo ao longo do recorte temporal proposto pelo filme. A sensação dos alunos foi de uma maior proximidade com a realidade vivida, ainda que todo o escopo visual, estético e narrativo não estivesse em consonância com o que vivenciam cotidianamente, sobretudo no espaço escolar.

Adiante passamos a observar objetivamente o que a gramática cinematográfica, principalmente no que se refere ao posicionamento de câmera, enquadramento, composição, iluminação, movimento e montagem, pode nos oferecer em termos narrativos e como todos nós enquanto audiência somos impactados pelas escolhas realizadas na construção de uma obra cinematográfica em todos os seus passos. O papel dos diretores aqui passou a ter uma relevância significativa no entendimento da concepção de uma arte que é produzida a várias mãos. Embora o papel de um roteirista cinematográfico não seja o de indicar aspectos técnicos, faculdades atribuídas aos diretores, fotógrafos e diretores de arte, conhecê-los é fundamental, considerando, sobretudo, que fazem parte intimamente da narrativa cinematográfica.

Nesse sentido foram apresentados aos alunos exemplos de planos cinematográficos, como altura e angulação de câmera, buscando o entendimento sobre de que maneira a escolhas técnicas podem definir os melhores caminhos, não só para contar a jornada de uma personagem inserida em um contexto qualquer, mas quando e como é possível potencializar momentos importantes de sua trajetória e, principalmente, qual mensagem se pretende levar a quem assiste o filme. O debate sobre Plano Cinematográfico, aqui entendido como um quadro ou trecho rodado sem interrupção ou que cause essa impressão, se deu principalmente



buscando a forma como eles dialogam com as histórias que estão contando, e quais os potenciais narrativos que cada um deles nos oferece.

Foi debatido como um Plano Geral, por ser o enquadramento mais amplo e aberto, o que se caracteriza, geralmente, por apresentar um determinado ambiente/local ou cenário em que a história está acontecendo. Por ser um plano mais descritivo acaba, muitas vezes, por ser uma boa escolha para a apresentação de personagens e, sobretudo, suas interações com esse cenário. Conversamos sobre o Plano Médio e suas variações. Aqui foi importante observar a valorização que os planos médios oferecem às personagens principalmente quando estão dialogando e, principalmente, quão importante são os diálogos nas composições das cenas e sequências cinematográficas. No debate sobre Primeiro e Primeiríssimo Plano, foi ressaltado o quanto o enquadramento mais aproximado nos rostos das personagens pode potencializar as características atribuídas pelos roteiristas a cada uma delas. Assim como o Plano Detalhe permitirá que uma parte do corpo ou um objeto ganhe o status de destaque, elemento-chave ou mesmo um objeto escondido, mas fundamental para o desenrolar de cena ou sequência. Sobre o Plano Sequência foi possível oferecer aos alunos a noção de tempo, movimento e do quão é fundamental a noção de movimento para o cinema. Como contextualização foi exibido *Fantasma*, um curta-metragem brasileiro, do diretor André Novais Oliveira (2010), rodado todo ele em um único Plano Geral e estático, mas que em onze minutos nos ofereceu uma boa reflexão de como um diálogo muito bem construído pode se tornar uma história brilhantemente conectada com o que as imagens estão mostrando.

A passagem para um debate mais em torno do roteiro propriamente dito se deu quando os alunos foram apresentados à Narratologia e alguns de seus temas. Inicialmente, foi importante trazer à discussão, antes de tudo, o que é uma narrativa clássica, forma narrativa exaustivamente trabalhada em *Manual do Roteiro*, do autor Syd Field (1995). Embora essa seja uma das formas narrativas mais recorrentes nos filmes mais populares disponíveis nos serviços de *streaming*, foi uma surpresa para os alunos perceber como as histórias poderiam ser divididas em três atos, com transições bem definidas e pontos de virada. Como forma de ampliar a discussão em torno na narrativa clássica e observar na prática foi proposta uma espécie de decupagem do filme *Taxi Driver*, de Martin Scorsese (1976), em que os alunos teriam por tarefa dividir o filme em três atos, indicar em que momento e de que maneira as personagens são apresentadas ao público, e quais eventos poderiam ser considerados os pontos de virada. O resultado foi bastante satisfatório, principalmente pelo fato de os alunos



oferecerem ao debate várias perspectivas, em especial, com relação aos pontos de virada, e todas elas possíveis.

Ainda no campo da Narratologia foram propostos encontros para que fossem debatidos alguns elementos da jornada do herói, proposta por Joseph Campbell no livro *O Herói de Mil Faces* (1989). Nessa etapa, a ideia foi demonstrar aos estudantes não só os padrões encontrados na construção de personagens, mas dar a eles a oportunidade de, por meios próprios, encontrá-los nos filmes que mais gostam. Nesse sentido, foi proposto que os alunos reconhecessem nos filmes, escolhidos por eles mesmos, os doze passos da jornada do herói, e que dessa análise apontassem os momentos, eventos que caracterizassem cada uma das etapas propostas por Campbell.

Após tantas atividades que tinham o claro objetivo de promover a conexão dos estudantes ao Cinema e sua linguagem, para além do papel de meros espectadores, propôs-se que através de conversas em grupo os alunos do oitavo e nono ano escolhessem temas para que pudessem ser desenvolvidos em filmes, com duração de um minuto, a serem produzidos pelos próprios, sob supervisão e direção do professor. Como culminância teríamos a exibição dos filmes em uma mostra de Cinema organizada pela própria escola e oferecida à comunidade escolar, e uma mostra de Cinema competitiva integrada à uma Jornada de Multilinguagens Artísticas, realizada pela Secretaria de Educação. Todavia, a partir desse momento os alunos do sexto e sétimo ano, por entendimento de que o pouco tempo disponível e limitada estrutura nos obrigava a escolher um grupo menor para o desenvolvimento dos trabalhos práticos, passaram a debater os gêneros cinematográficos.

Sendo assim, com a sala de aula sendo transformada em uma grande e produtiva sala de roteiro, e após alguns encontros, os alunos trouxeram ideias que passaram a ser trabalhadas a fim de se consolidarem como histórias. Sem exigir uma formatação mais tradicional e privilegiando o aspecto mais intuitivo, foi incentivado que à sua maneira os alunos pensassem, escrevessem e, após terem a confiança de que tinham uma história, contassem para os colegas o que produziram. Aos colegas foi facultada a possibilidade de sugerir, propor, questionar, a proposta de trabalho apresentada. O que foi observado é que cada grupo buscou seu método para criar sua história. Se alguns, mais autônomos, as escreveram como uma *storyline* ou argumento, outros buscaram através de desenhos demonstrar o que tinham em mente. Outros, com mais dificuldade, precisaram de um maior suporte para conseguir encadear as ideias. Uma das dificuldades mais recorrentes, e que quase a totalidade dos grupos apresentou, foi trabalhar com um limite tão reduzido de tempo. Acostumados com



longas metragens, ou mesmo séries, pensar em uma história que coubesse em um filme com duração tão curta foi o maior desafio, mesmo que tenhamos assistido várias curtas ao longo dessa jornada. Nesse momento foi necessária uma maior intervenção do professor que buscou, sem mexer na ideia fundamental e identidade proposta pelos alunos, oferecer meios para que entendessem e trabalhassem o poder de síntese, sempre ressaltando que, se uma história é um recorte temporal definido por quem a criou, suas histórias também eram um recorte, porém menor. O importante é que conseguissem, ainda que baseados em tentativa e erro, otimizar algo que era deles, criação deles. E assim conseguiram criar histórias. Histórias muito criativas. Histórias que refletiram os gêneros que mais consomem, o terror, o suspense, a comédia e a fantasia, e a partir deles foram definidas as escolhas técnicas e estéticas que norteariam as filmagens. As filmagens realizadas em grande parte na própria escola, fora do horário das aulas, e que também contaram com a participação criativa dos alunos.



Foto 1 e 2: Alunos e alunas do nono ano em uma das salas de roteiro realizadas.

Ao longo de pouco mais de seis meses, a realização dessa disciplina eletiva tenha se baseado numa metodologia desenvolvida ao passo em que o trabalho se construía, e se percorrer etapas como a (1) contextualização histórica do cinema, (2) estudos da gramática cinematográfica, (3) Narratologia, (4) Salas de Roteiro, e (5) as filmagens propriamente ditas, não consolidaram (ainda!) o Cinema como disciplina escolar na E.M. Conjunto Praia da Bandeira, construíram uma identidade ao permitir que sala de aula, biblioteca, o espaço escolar como um todo em *set* de filmagem e ofereceram aos estudantes a possibilidade de vivenciar algo que era há até bem pouco tempo era realidade muito distante das suas.

## **Bibliografia**



- BERNADET, Jean-Claude. O que é Cinema. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.
- CAMPBELL, Joseph. O herói de mil faces. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1989.
- FIELD, Syd. Manual do roteiro: os fundamentos do texto cinematográfico. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- MIGLIORIN, Cezar. Inevitavelmente cinema: educação, política e mafuá. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2015.
- RANCIÈRE, Jaques. O espectador emancipado. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- SIJLL, Jennifer Van. Narrativa Cinematográfica: Contando histórias com imagens em movimento: As 100 convenções mais importantes do mundo do cinema que todo cineasta precisa conhecer. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.
- VOGLER, Christopher. A jornada do escritor: estrutura mítica para escritores. São Paulo: Aleph, 2015.

### **Links para os filmes produzidos pelos estudantes**

- A Guardiã (2022) - <https://youtu.be/DZe6oXeM2gI>
- Paranoia (2022) - <https://youtu.be/e1KTVLONcSs>
- Abdução (2022) - <https://youtu.be/1RWmTLIrq3A>
- Seja bem-vindo! (2022) - <https://youtu.be/wL1pREjb9fM>
- Ei, Psiu!(2022) - <https://youtu.be/5O1VDMj-dKY>
- A Inspeção (2022) - <https://youtu.be/-jaTzd-Cdfw>